

O estágio da preocupação e a elaboração do complexo de Édipo: revisitando Winnicott e o caso Piggle*

The stage of concern and the elaboration of the Oedipus complex: revisiting Winnicott and the Piggle case

La etapa de preocupación y la elaboración del complejo de Edipo: revisando Winnicott y el caso Piggle

Alexandre Patricio Almeida**
Alfredo Naffah Neto***

Resumo

O nosso texto toma como ideia central o referencial winnicottiano, salientando a importância de um bom atravessamento do estágio da preocupação (stage of concern) – etapa que, a nosso ver, é indispensável para constituir os pilares de um psiquismo relativamente saudável, capaz de enfrentar as mazelas oriundas do conflito edípiano. Para tanto, iniciaremos o trabalho com uma breve descrição do estágio da preocupação, seguida das questões relativas à ambivalência característica do Édipo propriamente dito. Por fim, tecemos algumas considerações que objetivam relacionar uma análise do caso Piggle (The Piggle), uma menina de dois anos e meio, cujo tratamento, realizado por D. W. Winnicott, ocorreu em dezesseis encontros, constituindo uma espécie de análise, de acordo com a demanda, tratando, sobretudo, questões ligadas à intensidade de sentimentos ambivalentes não elaborados pela paciente, que anteciparam o seu ingresso no complexo de Édipo antes que ela passasse, fundamentalmente, pelo estágio da preocupação.

Palavras-chave: estágio da preocupação; Winnicott; complexo de Édipo; amadurecimento.

* Agradecemos ao CNPq pelo financiamento prestado à esta pesquisa.

** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <http://orcid.org/0000-0002-6429-8083>. E-mail: alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

*** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-1918-7878>. E-mail: naffahneto@gmail.com

Abstract

Our text makes as its central idea the Winnicott's approach, emphasizing the importance of a good crossing of the stage of concern - a stage that, in our view, is essential to constitute the pillars of a relatively healthy psyche, capable of coping with ailments arising from the oedipal conflict. Therefore, we will begin our work with a brief description of the stage of concern, followed by questions relating to the characteristic ambivalence of Oedipus himself. Finally, we make some considerations that aim to connect with an analysis of the Piggie case (The Piggie), a two and a half year old girl, whose treatment, carried out by D.W. Winnicott, occurred during sixteen meetings, constituting a kind of analysis according to demand, dealing with, above all, issues related to the intensity of ambivalent feelings not elaborated by the patient, which anticipated her entry into the Oedipus complex before she went, fundamentally, through the stage of concern.

Keywords: stage of concern; Winnicott; Oedipus complex; maturation.

Resumen

Nuestro texto toma como idea central el marco winnicottiano, enfatizando la importancia de un buen cruce de la etapa de la preocupación, etapa que, a nuestro juicio, es fundamental para constituir los pilares de una psique relativamente sana, capaz de hacer frente a las dolencias que surgen del conflicto edípico. Por lo tanto, comenzaremos el trabajo con una breve descripción de la etapa de preocupación, seguida de preguntas relacionadas con la ambivalencia característica del propio Edipo. Finalmente, hacemos algunas consideraciones que pretenden relacionar un análisis del caso Piggie (The Piggie), una niña de dos años y medio, cuyo tratamiento, realizado por DW Winnicott, ocurrió en dieciséis encuentros, constituyendo una especie de análisis según demanda, abordando, sobre todo, cuestiones relacionadas con la intensidad de sentimientos ambivalentes no elaborados por la paciente, que anticipaban su entrada en el complejo de Edipo antes de pasar, fundamentalmente, por la etapa de la preocupación.

Palabras clave: etapa de preocupación; Winnicott; complejo de Edipo; maduración.

O estágio da concernência é uma das etapas cruciais para o desenvolvimento maturacional humano na perspectiva de Winnicott. Antes de iniciarmos a nossa apresentação, é importante destacar que não concordamos com a tradução do termo *concern* por “preocupação”, realizada por alguns tradutores e editores, pois, o verbo “preocupar” implica em sua etimologia o prefixo “pré”, que está relacionado ao significado de “anterior”,

ou seja, ocupar-se com algo, num tempo *anterior* à ocorrência desse algo. Nesse sentido etimológico, alguém pode *pré-ocupar-se* com a sua aprovação, ou não, num exame escolar ou uma vaga de emprego que ocorrerá no futuro – algo presente que antecede o que ainda está por vir. E esse “ocupar-se fora do tempo próprio”, conforme veremos, não tem nada a ver com o que ocorre nesse estágio, descrito por Winnicott. Alguns brasileiros estudiosos de Winnicott, como Elsa Oliveira Dias (2003), optaram pelo neologismo “concernimento” para garantir uma maior fidelidade à ideia do autor. No entanto, a palavra em português que corresponderia mais adequadamente ao vocábulo em inglês seria “*concernência*”. Sendo assim, durante o nosso texto, manteremos o termo “estágio da concernência” – em consonância com a língua portuguesa.

Ao nos debruçarmos sobre os trabalhos de Winnicott, acreditamos que o estágio da concernência seja um período fundamental ao desenvolvimento da capacidade do indivíduo para sustentar os seus sentimentos de ambivalência. Uma conquista preciosa e indispensável à entrada no complexo de Édipo, período no qual esses conflitos ambivalentes serão vividos através da relação triangular. Ademais, Winnicott destaca que é também no estágio da concernência que surgirá a aptidão para perceber e considerar a mãe como um semelhante, e um sentimento de culpa; quando tem a “fantasia” de destruir o corpo dela, já numa fase de sadismo oral, durante as mamadas¹. Nas palavras do autor:

Não devemos procurar o sentimento de culpa nos estágios iniciais do desenvolvimento emocional do indivíduo. O ego não é suficientemente forte e organizado para aceitar as responsabilidades pelos impulsos do id, e a dependência é quase absoluta. Se há um desenvolvimento satisfatório nos estágios iniciais, surge uma integração do ego que torna possível o início da capacidade de sentir-se concernido. Quando se estabelece a capacidade de concernência, o indivíduo começa a se situar na posição de experimentar o complexo de Édipo, e de tolerar a ambivalência que é inerente ao estágio

1 Nessa etapa, a discriminação entre fantasia e realidade ainda é insipiente, muito embora já exista em algum nível, já que num estágio anterior – denominado por Winnicott como fase do uso do objeto (Winnicott, 1968/1994) – a criança já conseguiu distinguir um dentro e um fora; criando um mundo interno e um mundo externo e distinguindo – ainda que, se forma insipiente – fantasia e realidade.

posterior em que a criança, se madura, está envolvida em relacionamentos triangulares entre pessoas humanas plenamente desenvolvidas. (Winnicott, 1958/1983, p. 28)²

Portanto, de acordo com Winnicott, caso o estágio da preocupação não seja devidamente atravessado pela criança, ela enfrentará algumas complicações dessa deficiência durante o período edípico. Lembramos, porém, que o autor britânico não concorda com o pensamento de Melanie Klein³ a respeito de um Édipo precoce/arcaico, que se dá com objetos parciais, quando o ego ainda não está devidamente integrado. Para Winnicott, o Édipo só pode ser vivenciado quando o infante já reconhece a si próprio e os objetos externos como pessoas totais. Só haverá uma relação triangular se a criança foi capaz, anteriormente, de construir um ego precisamente integrado – aqui, o nosso autor se aproxima mais do pensamento de Freud do que da teoria kleiniana.

Além disso, a ambivalência presente no estágio da preocupação está na base para o relacionamento com a alteridade, inaugurando uma espécie de ética do cuidado e da própria empatia. Nessa perspectiva, a ética humana será fruto do surgimento do cuidado para com o outro⁴. Para Winnicott, ela não é o resultado de uma experiência impessoal, mas é uma construção advinda da relação mãe-bebê, independente de imposições e regras externas. Explicamos melhor: ela se constitui em um terreno não-edípico,

2 Os autores realizaram, aqui, uma correção da tradução brasileira, substituindo “se preocupar” por “sentir-se preocupado” e “capacidade de preocupação” por “capacidade de preocupação”. Essas correções serão realizadas ao longo do texto do presente artigo, sempre que necessárias.

3 Ver o texto “Estágios iniciais do conflito edípico”, publicado por Melanie Klein, originalmente, em 1928.

4 Winnicott, na verdade, não usa o termo “ética”, mas fala numa “moral pessoal inata”, alegando que o bebê possui uma disposição moral inata, potencialmente realizável, se tiver sustentação ambiental. Entretanto, pensamos que, como forma de precisarmos e nuançarmos o seu pensamento, seria interessante distinguir, aqui, *ética* e *moral*. Nesse sentido, entenderíamos a ética no sentido etimológico do grego *ethos* – que significa “morada”, “abrigo protetor” (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>), – como a constituição do “outro”, do *socius* latino, como *morada humana*, em que o homem é um ser social e o *ser-com* define o *ser-no-mundo* (de acordo com Heidegger). Isso se daria no estágio da preocupação. Já a *moral* designaria o conjunto de valores e regras socioculturais, cuja aquisição pela criança seria posterior a esse estágio.

não estando referida à lei ou à interdição do incesto⁵. Essas fundações éticas não serão definidas por exigências de adequação, mas por circunstâncias de um cuidado oriundo das relações iniciais em permitir, à criança, ser ela mesma, de tal modo que também ela adquira a capacidade de deixar o outro ser ele próprio, em sua potência original e criativa. Trata-se, portanto, de um desenvolvimento psíquico livre de quaisquer intrusões, baseado no respeito ao tempo e ao espaço da criança e, por conseguinte, à sua real essência e singularidade. Neste aspecto, citamos Winnicott na íntegra:

O estudo do sentimento de culpa implica para o analista o estudo do crescimento emocional do indivíduo. Geralmente considera-se o sentimento de culpa como algo que resulta do ensinamento religioso ou moral. Aqui tentarei estudar o sentimento de culpa, *não como algo a ser inculcado, mas como um aspecto do desenvolvimento do indivíduo*. Influências culturais por certo são importantes, vitalmente importantes; mas essas influências podem por si só ser estudadas como a superposição de inúmeros padrões pessoais. Dito de outro modo, a chave para a psicologia social e de grupo é a psicologia do indivíduo. (Winnicott, 1958/1983, p. 19, *itálicos nossos*)

O pensamento de Winnicott é bem claro. Para o autor, o bebê não tem condições de suportar o peso da culpa e do medo, resultantes do reconhecimento pleno de que as ideias e os impulsos agressivos, contidos no impulso amoroso primitivo, estão dirigidos, na verdade, à mesma pessoa que cuida dele e de quem ele continua a depender agora, mesmo que de modo relativo. Posto isso, a culpa não pode ser forçada no bebê de fora

5 É verdade que essa ética, inicialmente construída – que é, justamente, a capacidade de considerar o outro como um semelhante e de se sentir responsável por ele – será posteriormente, acrescida por *regras morais*, advindas da constituição de um *superego*, a partir da elaboração do complexo de Édipo e da introjeção das figuras parentais. Aí, sim, certas leis da cultura – como a interdição do incesto – e outras tantas mais, características da sociedade e da família em questão, serão introjetadas. Mas, Winnicott pensa que a constituição saudável do superego é aquela tardia, que advém da introjeção das figuras parentais, na elaboração do complexo de Édipo, quando a criança já tem *relações de objeto totais*. Esse tipo de superego é, pois, um *superego pessoal*, ou seja, formado por *pessoas* introjetadas, com as quais, segundo ele, é possível, discutir, argumentar, brigar, desafiar etc. (em sonhos, fantasias etc.) Quando, entretanto, há a formação de um superego *precoce*, formado por inculcações morais externas, numa época em que a criança ainda mantém *relações de objeto parciais*, ele será um *superego impessoal*, formado por forças anônimas, um superego muito mais severo e de difícil enfrentamento (Winnicott, 1960/1994, pp. 356-7).

para dentro, mas sim constitui um processo que se dá de dentro para fora, através da apropriação desses impulsos, sustentada pela “sobrevivência da mãe”. Neste sentido, a capacidade de elaboração do estágio da concernência tem uma longa duração. Além de preparar o indivíduo para os conflitos ambivalentes do período edípico, garante uma atitude necessária para o próprio atravessamento do Édipo, produzindo uma clareza da existência independente de um outro semelhante a ele – a mãe –, capaz de desdobrar-se num terceiro elemento, o pai⁶. Vale lembrar que permitir que a criança seja ela própria durante o estágio da concernência não significa, de modo algum, deixá-la livre sem qualquer referencial educativo. Não é isso que Winnicott quis dizer. O elemento essencial, aqui, é a presença contínua da mãe, a sua sobrevivência, durante o período em que o bebê está integrando a agressividade que faz parte de sua natureza. Esse movimento deve ocorrer de forma natural, respeitando o gesto espontâneo do infante, sem qualquer ação intrusiva. É ser capaz de suportar e esperar e, por conseguinte, amparar esse processo custoso do percurso maturacional do bebê.

O nosso texto toma como ideia central o referencial winnicottiano, salientando a importância de um bom atravessamento do estágio da concernência – etapa indispensável para constituir os pilares de um psiquismo relativamente saudável. Para tanto, iniciaremos o trabalho com uma breve descrição do estágio da concernência, seguida das questões relativas à ambivalência característica do Édipo propriamente dito. Por fim, tecemos algumas considerações sobre o tema, relacionando as ideias apresentadas com um famoso caso clínico de Winnicott: a menina Piggie – um atendimento que ocorreu sob demanda através de 16 encontros esporádicos, envolvendo o período dos dois aos cinco anos de idade da criança.

O ESTÁGIO DA CONCERNÊNCIA

A importância do ambiente na obra de Winnicott é fundamental. Para o autor, o meio facilitador é, a princípio, a “mãe suficientemente boa”.

6 Segundo Winnicott, até a entrada no complexo de Édipo, a criança experimenta o pai como um aspecto da mãe, um aspecto “duro e severo e implacável, intransigente, indestrutível (Winnicott, 1966/1989, p. 104).

A expressão “suficientemente boa” refere-se à mãe capaz de reconhecer e atender à dependência do lactente, devido à sua identificação com ele – fator que lhe permitirá saber qual é a necessidade do bebê e, num dado momento, saber responder a ela. Porém, esta mãe deve acreditar na personalidade e espontaneidade desta criança, ao mesmo tempo em que sustenta sua própria originalidade, no sentido de deixar o processo ocorrer de forma natural; *grosso modo*, a mãe não invade o tempo e o espaço do lactente, pois, ao ser ela mesma, permitirá que o bebê desenvolva o seu potencial criativo sem substituir o seu gesto espontâneo por suas intrusões. A mãe, portanto, apenas facilita um processo que *pertence ao bebê*, pois, para Winnicott, todos nós nascemos com uma tendência à integração e serão os cuidados ambientais que irão promover este processo. “Penso que, quando o bebê está pronto para o nascimento, a mãe – se amparada de forma adequada por seu companheiro, pelo Estado de bem-estar social ou por ambos – está preparada para essa experiência em que ela sabe extremamente bem quais as necessidades do bebê” (Winnicott, 1966/2020, p. 21).

Neste período inicial, a mãe suficientemente boa procede a uma adaptação quase absoluta e, posteriormente, a uma adaptação relativa às necessidades do bebê. Winnicott deixa bem claro que se trata de uma adaptação à necessidade e não aos desejos da criança. Neste âmbito, ele caracteriza claramente a especificidade dos estágios iniciais: o bebê não é ainda um indivíduo que tenha desejos, mas um ser imaturo em estado de dependência absoluta. “*Esses momentos dão ao bebê a oportunidade de ser, e deles surge o próximo passo, que tem a ver com a ação, tanto aquela que é feita como a que é recebida*” (Winnicott, 1966/2020, p. 21, itálicos nossos).

A adaptação da mãe às necessidades do bebê é temporária, mas, enquanto permanece, implica um envolvimento total – o que Winnicott denominou de “preocupação materna primária”. O bebê necessita de uma pessoa total, ou seja, um ser integrado que seja totalmente devotado a ele, nem que isso ocorra por um pequeno período, porém, com a constância de todos os dias. Essa mãe deve ser previsível e ter uma condição emocional minimamente estável. Para isso, não é necessário que a mãe tenha qualquer saber acadêmico, profissional ou especializado. Seu conhecimento é natural e instintivo, aliado às próprias condições do cuidar. O que a orienta,

nessa perspectiva, é a sua capacidade de identificar-se com o bebê. “Tudo isso é muito sutil, mas, ao se repetir de novo e de novo, contribui para o estabelecimento da capacidade do bebê de sentir-se real” (Winnicott, 1966/2020, p. 22).

Alguns críticos⁷ da obra winnicottiana o responsabilizam por exigir muito das mães, propondo uma espécie de compreensão de uma maternidade idealizada e perfeita. Esse pensamento não passa de uma postura leviana e simplista diante da genialidade do analista britânico. Quando menciona a necessidade de haver uma dedicação total da mãe ao bebê, no estágio de dependência absoluta do desenvolvimento maturacional, o autor quer nos dizer, todavia, que para uma criança ser um indivíduo saudável e integrado, ela precisa, minimamente, de um ambiente que a sustente e lhe apresente o mundo externo em pequenas doses. Em nenhum momento, o autor anuncia a ideia de uma mãe perfeita. Ele simplesmente destaca a naturalidade do papel materno como um aspecto primordial à integração do ego infantil.

[...] Pode-se dizer que o apoio do ego por parte da mãe facilita a organização do ego do bebê. Com o passar do tempo, o bebê começa a afirmar a própria individualidade e chega até mesmo a ter um senso de identidade. O processo todo parece muito simples quando caminha bem, e a base para tudo isso está nesse relacionamento inicial quando a mãe e o bebê são um. *Não há nada de místico nisso.* A mãe tem um tipo de identificação com o bebê, um tipo muito sofisticado, que faz com que ela se sinta intensamente identificada com o bebê, embora, claro, não deixe de ser adulta. [...] Em outras palavras, eis o que muita gente chama de identificação primária. *É o início de tudo e dá sentido a palavras muito simples, como ser.* (Winnicott, 1966/2020, p. 26, itálicos nossos)

Possibilitar ao indivíduo a capacidade de integração não exige nada além do que uma boa mãe pode oferecer. Não podemos confundir essa devoção inicial com uma maternidade idealizada, mesmo porque Winnicott se revela como um autor da natureza humana, portanto, o que ele

7 Podemos citar aqui, principalmente, os que se aferrenham às bases kleinianas de uma concepção de destrutividade (instinto de morte) inata e acabam por desprezar fundamentalmente a importância do ambiente para o desenvolvimento psíquico – o que a própria Melanie Klein, diga-se de passagem, não fez.

menos defende é a existência de uma perfeição que será jamais alcançada. Ser devotada é permitir que o bebê possa expressar os seus anseios, a sua agressividade, as suas angústias e o seu potencial criativo – características que residem na originalidade do ser. Após esse processo inicial, o lactente irá, aos poucos, se formando como uma pessoa inteira, capaz de assumir seus instintos e se responsabilizar por eles.

O amadurecimento resultante deste período inicial será imprescindível para que o bebê atinja o estágio da concernência. No texto “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal”, lido numa conferência, em 1954, e publicado no ano seguinte, Winnicott irá descrever suas formulações pessoais do conceito de posição depressiva de Melanie Klein, enfatizando o seu aparecimento como uma conquista. Porém, logo nas primeiras páginas, o autor já registra as marcas de seu pensamento original: “O termo ‘posição depressiva’ é pouco adequado para designar um processo normal, mas ninguém foi capaz de achar um melhor. A minha sugestão era de que o chamássemos de ‘o estágio da concernência’” (Winnicott, 1955/1988, p. 40). A preocupação do autor era a de que o termo “depressiva” indicasse um adoecimento psicopatológico, o que seria totalmente contraditório às suas ideias e às da própria Melanie Klein. À guisa de maior compreensão, citamos a autora:

O progresso de integração, que, como sugeri em uma seção anterior, depende do predomínio temporário dos impulsos de amor sobre os impulsos destrutivos, conduz a estados transitórios nos quais o ego sintetiza sentimentos de amor e destrutivos em relação a um objeto (em primeiro lugar o seio da mãe). Esse processo de síntese dá início a outros importantes passos no desenvolvimento (que podem ocorrer simultaneamente): surgem as emoções dolorosas da ansiedade depressiva e da culpa; a agressão é mitigada pela libido; em consequência a ansiedade persecutória é diminuída; [...] o ego, portanto, se esforça por fazer reparação e, também, inibe os impulsos agressivos sentidos como perigosos para o objeto amado. Com a crescente integração do ego, as vivências de ansiedade depressiva aumentam em frequência de duração. (Klein, 1952/1996, p. 94)

A primeira coisa que nos chama a atenção nesta passagem de Melanie Klein é que, por mais que para ela a posição depressiva também seja um progresso no desenvolvimento psíquico, as circunstâncias para o indivíduo

chegar a esta configuração necessitam muito mais de fatores internos do que externos. Isso fica bem notável quando ela menciona que a posição depressiva “depende do predomínio temporário dos impulsos de amor sobre os impulsos destrutivos” (Klein, 1952/1996, p. 94). Neste sentido, Winnicott se afasta significativamente do pensamento da autora, pois, para ele, a questão ambiental é primordial ao desenvolvimento maturacional. Caso não tenha havido uma mãe suficientemente boa a princípio que apresente o mundo externo ao bebê, a posição depressiva não pode ser jamais alcançada. Nas suas palavras:

Para que a posição depressiva seja alcançada, é necessário que os estádios anteriores tenham sido ultrapassados com sucesso na vida real ou na análise, ou em ambas. Para que um bebê alcance a posição depressiva é necessário que ele tenha se estabelecido como uma pessoa total e se relacione como uma pessoa total com pessoas totais. (Winnicott, 1955/1988, p. 439)

Trata-se de uma etapa em que o bebê se dá conta de que o objeto sobre o qual ele projetava os seus impulsos destrutivos é o mesmo objeto que cuida e zela por ele⁸. Essa descoberta irá gerar, portanto, níveis de arrependimento e um senso de responsabilidade (por si e, principalmente pelo outro). Nesse âmbito, “para que uma criança possa assumir a responsabilidade para com a sua impulsividade instintual, é preciso, antes, que ela seja um eu, capaz de sentir-se preocupado e preocupado com as consequências da instintualidade” (Dias, 2003, p. 102). Caso isso não aconteça, o bebê não alcança a capacidade para sentir culpa, de forma legítima e natural. Consequentemente, o desenvolvimento da alteridade também fica comprometido. Esse processo, no entanto, se dá, para Winnicott, através da resistência do ambiente ao suportar os impulsos destrutivos da criança. O autor nos dirá:

8 Antes disso, devido à sua imaturidade, que não lhe permite a capacidade de temporalizar os acontecimentos, o bebê experimenta o mundo como momentos estanques e não associa as duas entidades mãe às quais tem acesso: a mãe objeto, que equivale ao seio das mamadas, dos períodos excitados, que ele “devora” e “destrói” com a sua instintualidade, à mãe ambiente, aquela que o limpa, acalenta, faz dormir etc., dos períodos relaxados, ou seja, aquela que cuida dele e zela por ele. De forma análoga, também não associa esses dois períodos tão diferentes, os excitados e os relaxados, pela mesma razão. Por esse motivo, Winnicott chama esse bebê de não-integrado e de incompadecido.

Partamos do princípio de que o bebê experimentou uma descarga instintual. A mãe está sustentando a situação, o dia prossegue e o bebê compreende que a mãe “tranquila” tomou parte de toda experiência instintual e sobreviveu. Isto se repete dia após dia e, eventualmente, resulta no despontar, dentro do bebê, do reconhecimento da diferença entre o que é chamado fato e fantasia, ou realidade externa e interna. (Winnicott, 1955/1988, p. 445)⁹

De impulsivo e indiferente aos seus próprios impulsos instintuais, o bebê passa a sentir-se preocupado pelos instintos que o dominam nos momentos de excitação. Aqui, vale outra observação a respeito dessa impulsividade. Winnicott não utiliza nem considera o conceito de instinto de morte, criado por Freud, e amplamente trabalhado por Melanie Klein. Para o autor, esses impulsos instintivos fazem parte da manifestação motora da própria vida, portanto, não significam, necessariamente, que eles tenham a essência puramente destrutiva, mas é fato, sim, que englobam a agressividade e a destrutividade, já que elas são essenciais à vida, conseqüentemente à produção de qualquer objeto cultural¹⁰. Em outras palavras, suportar esses impulsos, significa suportar as manifestações vitais do bebê que se manifestam através do choro, da agitação ou da inquietude. Como comumente ouvimos na esfera popular: “o bebê testa a paciência da mãe”.

Para Winnicott, o bebê que alcança o *status* unitário torna-se consciente de que as duas mães pertencentes a essa dualidade – estados tranquilos e excitados – de experiências dissociadas são, na verdade, uma só. Diferenciando-se de Melanie Klein, que postula uma dissociação necessária, operada pelo bebê entre uma mãe boa e outra má, o autor britânico irá referir-se a essas duas mães como a mãe dos períodos de excitação e a mãe dos períodos de tranquilidade; em 1963, essas duas mães passam a ser denominadas de “mãe-objeto” e de “mãe-ambiente”, respectivamente.

9 Nesta citação, os autores corrigiram a tradução do termo “*instinctual*”, que aparece duas vezes no original inglês e que havia sido traduzido por “pulsional” na tradução brasileira, pelo termo “instintual”. Isso porque o termo *pulsão* é totalmente inexistente no vocabulário winnicottiano, fazendo parte da tradição francesa, a partir da proposta de Lacan de distinguir os dois conceitos usados por Freud: *Trieb* e *Instinct*, traduzindo o primeiro por “pulsão” e o segundo por “instinto”. Mas, Winnicott nunca se guiou pelas duas teorias pulsionais de Freud, nem a primeira, nem a segunda; falava sempre em *instintos*, no plural e sem qualquer qualificação.

10 Como todos sabemos, é impossível pintar um quadro sem destruir os tubos de tinta e uma tela em branco.

Como já dissemos anteriormente, uma das coisas mais importantes que ocorrem no estágio da concernência consiste em que a criança passa a perceber que a mãe é única e uma pessoa inteira, ou seja, que essa mãe, que presta cuidados à criança, acolhendo-a nos seus estados tranquilos, é a mesma que vinha sendo vivamente atacada durante seus estados excitados. Durante este período, em que a criança está juntando numa só pessoa a mãe-ambiente e a mãe-objeto, “a mãe real precisa continuar a desdobrar-se em duas, executando cada qual a sua parte da tarefa de cuidar do bebê” (Dias, 2003, p. 259). Citamos o autor:

A mãe-objeto tem de demonstrar que sobrevive aos episódios dirigidos pelo instinto, que agora adquiriram a potência máxima de sadismo de fantasias de sadismo oral e outros resultados da fusão. Além disso, a mãe-ambiente tem uma função especial, que é a de continuar a ser ela mesma, a ser empática com o lactente, a de estar lá para receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso. (Winnicott, 1963a/1983, p. 73)

A tarefa de unificar a instintualidade, com toda a agressividade que lhe é inerente, requer tempo e um ambiente pessoal contínuo; na ausência desses cuidados essenciais, o bebê humano não terá condições de suportar o peso da culpa ou esse sentimento sequer irá aparecer, pois, sem a integração dessa mãe, o bebê também não poderá se responsabilizar pelos impulsos dirigidos a ela. A tendência da criança que começa a perceber que a agressividade faz parte de sua natureza é projetar essa agressividade para fora, para o meio externo que, por sua vez, ficará povoado de ameaças. Neste sentido, o ambiente será percebido como persecutório e altamente perigoso. Será a disponibilidade receptiva e protetora da mãe que irá neutralizar o caráter retaliatório desse medo.

A resolução dessa essencial dificuldade, que consiste em aceitar que a destrutividade é pessoal e convive ao lado do amor e dos impulsos vitais, depende do desenvolvimento, na criança, da capacidade de fazer reparações a esses ataques realizados em fantasia inconsciente. Isso só acontecerá, todavia, se a mãe resistir (sobreviver). Segundo Winnicott:

Quando a confiança neste ciclo benigno e na expectativa da oportunidade se estabelece, o sentimento de culpa relacionado com os impulsos do id

sofre nova modificação; precisamos de um termo mais positivo, tal como “concernência”. O lactente está agora se tornando capaz de ficar preocupado, de assumir responsabilidade por seus próprios impulsos e as funções que dele fazem parte. Isto provê um dos elementos construtivos fundamentais da brincadeira e do trabalho (Winnicott, 1963a/1983, pp. 73-74)

A questão central é que, com efeito, a criança precisa exercer a sua impulsividade, mas, simultâneo a isso, ela se depara com o medo de que os “estragos” realizados em sua mãe sejam irreversíveis. Quando a mãe fornece a oportunidade para que o “ciclo benigno” se repita inúmeras vezes (machucar e reparar), o bebê passa, gradualmente, a acreditar na possibilidade efetiva da reparação, como uma espécie de manifestação construtiva. Ao serem dadas condições de suportar essa culpa, que emerge naturalmente, o bebê se tornará livre para expressar o amor instintual. Esta, para Winnicott, é a única culpa verdadeira.

O SENTIMENTO DE AMBIVALÊNCIA E O CONFLITO EDIPIANO

Ao integrar a mãe-objeto com a mãe-ambiente, o bebê passa a lidar com apenas *uma* mãe (única e total). O estágio da concernência aparece na vida do bebê como uma experiência altamente sofisticada ao realizar a junção dessas “duas mães”. A provisão ambiental continua a ser fundamentalmente importante aqui, embora o bebê esteja começando a ser capaz de apresentar uma estabilidade interna que pode significar o início de sua conquista à independência. No entanto, o que merece ser destacado, a partir dessa conquista do desenvolvimento maturacional, é a capacidade do indivíduo para lidar com a ambivalência.

Antes de vivenciar o estágio da concernência, a existência de “duas mães” possibilitava ao bebê a divisão de seus impulsos destrutivos e amorosos, que eram dirigidos à duas figuras diferentes e apartadas (mãe-objeto e mãe-ambiente). A partir do momento em que a mãe é sentida como uma pessoa inteira, a criança perceberá que os mesmos impulsos de matrizes diferentes (hostis e complacentes) são dirigidos ao mesmo objeto. Por essa ótica, as relações amadurecem concomitantemente à evolução do próprio psiquismo, ou seja, o bebê precisa se responsabilizar por seus

impulsos destrutivos integrando-os aos seus impulsos amorosos. Essa responsabilidade é a base da alteridade e sustenta os alicerces do autoconhecimento, pois, à medida que reconheço o outro em sua totalidade, passo a reconhecer, também, os meus sentimentos e a dosar a sua intensidade. Portanto, o estágio da concernência é uma etapa indispensável para o surgimento da empatia e da preocupação com os semelhantes. Do ponto de vista de Winnicott, a formulação dessas ideias, feitas inicialmente por Melanie Klein, possibilitou “à teoria psicanalítica começar a incluir a ideia de um valor no indivíduo” (Winnicott, 1958/1983, p. 27). Neste sentido, Winnicott nos dirá que o estágio da concernência é:

[...] essencial no desenvolvimento da criança e que *não tem nada que ver com a educação moral*, exceto pelo fato de que se esse estágio for bem elaborado, a solução pessoal da própria criança para o problema da destruição do que é amado resulta na necessidade da criança de trabalhar ou adquirir habilidades. É aqui que o propiciar de oportunidades, incluindo o ensino de habilidades, satisfaz as necessidades da criança. Mas a necessidade é que é o fator essencial, e esta se origina do estabelecimento, dentro do *self* da criança, da capacidade de tolerar o sentimento de culpa suscitado por seus impulsos e ideias destrutivas, de tolerar se sentir responsável, de modo geral, por ideias destrutivas, por se ter tornado confiante em seus impulsos de reparação e oportunidades de contribuição. (Winnicott, 1963b/1983, pp. 96-97, *itálicos nossos*)

Em uma passagem do filme “O Senhor dos Anéis”, Gandalf, o mago da sabedoria, descreve a posição psíquica da criatura Gollum, que possui uma personalidade arcaica e bastante primitiva: “*Ele odeia e ama o anel, assim como odeia e ama a si mesmo*”. Podemos notar a dualidade existente nos pensamentos de Gollum com essa frase: o odiar e amar simultâneos; a luta constante por sentimentos ambíguos, indefinidos, sem um real sentido. Sempre em um constante monólogo interior, conversando com uma voz que não é a dele, Gollum se conserva em contato com a energia maléfica do anel, pagando um alto preço por ser dominado por uma força avassaladora interna que o subjuga em relação a si próprio. No entanto, ao integrar os seus sentimentos hostis aos bons, recordando-se de episódios do passado, o personagem encontra uma paz interior que lhe proporciona alívio e atitudes de reparação (mesmo que a curto prazo). A analogia ao

filme nos mostra o estado perturbado que vive um indivíduo que não atingiu o estágio da concernência. Não sentir culpa de maneira legítima e natural pode gerar uma dor profunda acompanhada pela incapacidade de enxergar os dois lados da mesma moeda – o que impossibilita a aparição da alteridade e da empatia.

Por essa via, é importante lembrar que, durante o complexo de Édipo, seremos atingidos novamente por uma enxurrada de sentimentos ambivalentes. Sendo assim, o indivíduo que traz consigo problemas oriundos de um estágio da concernência não vivenciado terá, de acordo com as contribuições winnicottianas, ainda mais dificuldades em lidar com esses conflitos edípicos. Citamos Freud:

No início, a criança não percebe conflito algum, obtém satisfação de todas essas tendências e não é perturbada pelas contradições entre elas. Mas, gradualmente, torna-se difícil demais para a criança conciliar suas tendências ativas em direção a essas mesmas pessoas, seja porque a intensidade dessas tendências aumentou, seja porque se instalou uma necessidade de unificação (síntese) de todas essas utilizações da libido. Torna-se particularmente difícil para a criança do sexo masculino unificar sua atividade em direção à mãe com sua passividade em direção ao pai. Se o menino quiser dar uma justa expressão de sua atividade direcionada à mãe, encontra o pai em seu caminho, pois na realidade é o pai quem possui a mãe, e não ele. Ele quer direcionar sua atividade agressiva ao pai para afastá-lo enquanto obstáculo para chegar à mãe, mas por outro lado também quer se submeter ao pai em todos os aspectos. Não pode possuir a mãe e, ao mesmo tempo, permanecer passivo em relação ao pai. A intenção de eliminar o pai é incompatível com a passividade em direção a ela. [...] a criança se encontra em um conflito, e isso é o complexo de Édipo. (Freud, 1931/2017, pp. 52-53)

Partindo de uma questão libidinal e do posicionamento sexual psíquico – fatores que são os bastiões de sua obra –, Freud irá apresentar a questão da ambivalência edípica como um dos principais conflitos a serem resolvidos pelo psiquismo humano. Paralelo às forças pulsionais, os entraves relacionados às questões emocionais também estão presentes nesse período. O menino que deseja eliminar o pai para ficar com a mãe, também lida com a culpa desse pensamento ao considerar o amor paterno. O mesmo ocorre com a menina perante o amor da mãe; o desejo libidinal direcionado ao pai

será mitigado pelo sentimento de amor maternal. Vivenciar a ambivalência, dentro do arcabouço freudiano, significa desenvolver a capacidade de lidar com os conflitos derivados do período edipiano, elaborando os sentimentos hostis ao mesmo tempo em que se sublimam as pulsões incestuosas. Ser capaz de amar e odiar a mesma pessoa, significa, *grosso modo*, uma conquista no processo de amadurecimento – tanto para Freud, quanto para Winnicott. Citamos, portanto, o mestre de Viena:

Os anseios libidinais pertencentes ao complexo de Édipo serão em parte dessexualizados e sublimados, o que provavelmente ocorre em cada transformação em identificação, e em parte inibidos quanto às metas e transformados em moções de ternura. [...] Com ele se inicia o período de latência, que agora interrompe o desenvolvimento sexual da criança. (Freud, 1924/2019, p. 251)

“A criança, na vicissitude edípica, tem que renunciar às suas pulsões incestuosas e parricidas. Tem que renunciar, portanto, à onipotência do seu desejo e ao princípio do prazer, adequando-se ao princípio de realidade” (Pellegrino, 1983/2017, p. 32). A renúncia, para Freud, é entendida como uma conquista do Eu. Aquisição esta que procede da compreensão do desejo, dos próprios instintos e, principalmente, do equilíbrio da ambivalência. A partir do reconhecimento de tais sentimentos, o indivíduo assume o seu lugar na triangulação edípica, reatualizando a sua responsabilidade por si e pelo outro; renunciando à onipotência infantil predominante no narcisismo primário. Uma condição necessária para se tornar humano e saber conviver em sociedade.

O CASO PIGGLE E AS ANGÚSTIAS DE UM ÉDIPO ANTECIPADO

Gabrielle, uma garotinha de 2 anos e 5 meses de idade, apelidada de *Piggle*, foi analisada por Winnicott não pela via de um trabalho de análise clássica, com direito a 4 ou 5 sessões por semana, mas sim por uma espécie de atendimento psicanalítico de acordo com a demanda, ou seja, os encontros aconteciam quando a própria menina solicitava, dentro, é claro, das possibilidades de Winnicott, uma vez que o tratamento ocorreu quando ele já estava com a sua saúde debilitada e a paciente, por sua vez, residia

em uma cidade distante de Londres – o que dificultava sua frequência ao consultório. Clare Winnicott, no prefácio da edição inglesa do livro, salienta, também, a participação efetiva dos pais de Gabrielle para a evolução de seu caso, tendo em vista que “seus pais eram profissionais que tinham conhecimento do campo da psicoterapêutica. A colaboração deles foi decisiva para o resultado do tratamento” (Winnicott, 1977, p. 10).

O atendimento de Piggie durou quase três anos, caminhando de janeiro de 1964 a outubro de 1966. Foram 16 consultas realizadas ao todo. Como já mencionado, Gabrielle inicia o tratamento com dois anos de idade e finaliza com cinco. O primeiro contato de Winnicott com o histórico e o quadro sintomático da criança se deu por meio de duas cartas escritas pela mãe da menina. Naqueles escritos, a mãe solicitava que Winnicott atendesse à sua filha, pois a menina possuía uma série de preocupações (*worries*) que a mantinham despertada durante à noite. Antes de pontuar outros sintomas, a mãe de Gabrielle salienta que a filha sempre lhe pareceu uma pessoa bem formada (*very much a person*) e com grandes recursos interiores, portanto, numa leitura winnicottiana, tratava-se de uma criança razoavelmente integrada que, supostamente, havia recebido seus devidos cuidados no estágio de dependência absoluta.

Nessas cartas iniciais, a mãe também menciona que a situação começou a ficar difícil após o nascimento da irmãzinha de Gabrielle, quando ela ainda estava com vinte e um meses de idade. Os pais cogitaram esse fato ser “precoce demais para ela”, o que acabou gerando uma ansiedade significativa sobre eles, além de atingir as emoções da própria menina. Segundo as palavras da mãe, a partir desse episódio, Piggie começou a apresentar os seguintes sintomas: passou a irritar-se e deprimir-se com muita facilidade; tornou-se inesperadamente consciente de si mesmo (como pessoa inteira) e de seus relacionamentos, especialmente de sua identidade; desenvolveu uma série de angústias; tinha muito ciúmes da irmã; começou a demonstrar ressentimento por sua mãe e a ficar reservada com o seu pai. Além disso, Gabrielle desenvolveu uma fantasia que frequentemente manifestava-se mais à noite, em que uma “mamãe preta” puxava os seus seios, morava no interior de sua barriga e com quem podia se comunicar pelo telefone. O segundo elemento da fantasia que havia começado mais cedo, referia-se

ao *bebê-car*. Todas as noites, a menina pedia, repetidas vezes: “Me fala do bebê-car, *tudo* sobre o bebê-car” (Winnicott, 1977, p. 22, *itálicos do autor*); uma mamãe preta e um papai preto estão sempre juntos no bebê-car ou algum homem sozinho. Piggie também passara a arranhar violentamente o seu rosto todas as noites. Em outra carta, a mãe expõe o seguinte relato de angústia para Winnicott:

As coisas não melhoraram nada, desde que escrevi para o senhor. Piggie, agora, quase nunca demonstra qualquer concentração em seus brinquedos e dificilmente admite ser ela mesma: ou é o bebê-car ou é, com mais frequência, a mamãe. “A Piga foi embora, foi para o bebê-car. A Piga é preta. As duas Pigas são ruins. Chora, mamãe, por causa do bebê-car!”.

Contei-lhe que tinha escrito para o Dr. Winnicott, “que entende de bebês-cars e mamães-pretas”; desde então ela parou com as suas súplicas noturnas: “Me fala do bebê-car”. Duas vezes me pediu, dir-se-ia que inesperadamente: “- Mamãe, me leva ao Dr. Winnicott”. (Winnicott, 1977, p. 23)

Winnicott descreveu de forma minuciosa as dezesseis consultas feitas com Gabrielle em seu livro sobre o caso – muito embora a tradução brasileira seja deplorável. Não iremos, aqui, transcrever detalhadamente cada sessão, mas sim, abordar, de modo geral, algumas passagens relevantes para a nossa discussão.

O pediatra e psicanalista britânico aponta que os problemas de Piggie tiveram início com a chegada de sua irmãzinha mais nova, fator que também havia despertado uma intensa ansiedade nos pais, já que eles se sentiam incapazes de garantir um contorno afetivo que pudesse sustentar as angústias apresentadas por Gabrielle. Para Winnicott, o nascimento da bebê forçou um desenvolvimento prematuro do ego de Piggie, já que o seu processo de integração ainda estava em desenvolvimento e, portanto, parcialmente conquistado. A gravidez da mãe foi sentida como uma falha ambiental. O próprio Winnicott caminha para uma hipótese de conflito edipiano iniciado antes do tempo do desenvolvimento maturacional de Gabrielle. Logo na primeira consulta, o autor compartilha uma intervenção que dá corpo à nossa hipótese:

[...] Introduzi, então, de forma bastante óbvia, alguma coisa a respeito da mamãe preta: “Você alguma vez fica zangada com a mamãe?” Eu tinha

associado a ideia da mamãe preta à sua rivalidade com a mãe, uma vez que ambas amavam o mesmo homem, o papai. Sua ligação profunda com o pai era bem evidente, por isso eu me sentia bastante seguro ao fazer essa interpretação. Num certo nível, isso deve estar certo. (Winnicott, 1977, p. 27)

Essas e outras passagens demonstram que Gabrielle estava na fase da conquista do estágio da concernência, período em que a ambivalência está em ascensão. Entretanto, havia uma dificuldade de Piggie dirigir o seu ódio para a sua mãe que, por sua vez, estava bastante fragilizada pela gravidez da segunda filha, chegando a relatar que esse período de sua vida a havia remetido à lembrança do nascimento de seu próprio irmão, quando ela possuía a mesma idade de Gabrielle, afirmando não ter ficado bem emocionalmente naquela época. Logo, as angústias de Piggie reativaram as ansiedades adormecidas de sua própria mãe.

Essa condição de vulnerabilidade materna dificultou o processo de amadurecimento de Gabrielle, pois ela necessitava da sobrevivência da mãe para, então, poder expressar seus sentimentos ambivalentes e hostis. O pai também parecia estar bastante inseguro com a condição da filha e da esposa. Em uma carta para Winnicott, ele escreve:

[...] O que houve foi que nos sentimos muito envolvidos e culpados pelo fato de termos arranjado outro filho tão cedo, e a sua súplica noturna na despedida – “Fala-me do bebê-car” – levou-nos a dizer alguma coisa significativa. Jamais lhe falamos sobre a primeira infância de Piggie; ela foi excepcionalmente bem-comportada e segura de si mesma, dando a impressão de alguém que dominasse o seu mundo interior. Empregamos todos os esforços, e nisso parece que tivemos sucesso, para protegê-la contra influências que pudessem tornar o seu mundo por demais complicado. Quando Susan nasceu, Gabrielle pareceu-nos ter sido, de algum modo, afastada de sua natureza e isolada de sua fonte de sustento. Tivemos um pesar enorme ao vê-la tão diminuída e reduzida, e ela pode perfeitamente ter percebido isso. Houve também um período de tensão entre nós [os pais]. (1977, pp. 32-33)

Poder lidar com o amor e o ódio não é uma tarefa fácil para as crianças – como já mencionamos anteriormente –, porém, é uma condição particular para a integração da agressividade pessoal. Os problemas de Gabrielle se iniciaram neste momento, quando ela ainda estava em processo

de integração, entrando no estágio da concernência. A experiência vivida entre ela, os pais e a irmã, estava além de sua capacidade de elaboração psíquica, pois despertou as eventualidades do conflito edipiano antes mesmo que a menina pudesse passar pelos percalços da concernência – trata-se, portanto, de uma realidade objetiva colocada de fora para dentro que ativou os mecanismos de defesa da pequena paciente. Para Winnicott, se uma criança pode expressar sua agressividade, ela também pode aceitar a sua responsabilidade pessoal que resultará no fortalecimento do ego e, por conseguinte, na capacidade de alcançar a reparação e a restituição. Contudo, a mãe e o pai de Gabrielle pareciam ter dificuldades em enfrentar, nesses termos descritos por nós, o ódio manifestado pela filha. Essa falha, mesmo que não intencional, levou Piggie a criar as fantasias que originaram as figuras da mamãe preta e do bebê-car, responsáveis por retaliar, na mesma proporção, a hostilidade dirigida a eles – gerando um enorme sofrimento na criança.

Por fim, Winnicott deduz que a mamãe preta era um “vestígio de uma noção subjetiva, preconcebida, sobre a mãe” (1977, p. 30). Em suas observações teóricas após o primeiro encontro, o autor escreveu que Gabrielle foi forçada a um desenvolvimento prematuro do ego e que ela não estava preparada para a ambivalência simples (1977, p. 30). Na sétima consulta, Winnicott e Piggie estavam brincando com um trenzinho e o analista fez um movimento com o trem que irritou a paciente. Segundo Winnicott, ela quase atirou nele um trator que estava engatado no trem. Winnicott comentou: “ato agressivo, pondo seus impulsos para fora e para dentro de mim” (1977, p. 87). No trecho, é possível observar que Gabrielle lançou o brinquedo impiedosamente. O analista, por sua vez, não interpretou o gesto dela e deu continuidade ao brincar. Winnicott parece ter manejado a situação de tal forma que Gabrielle se sentiu segura para expressar os seus impulsos agressivos. A análise, portanto, transformou-se gradativamente num espaço em que as vivências precoces e intrusivas pudessem, aos poucos, serem elaboradas e, talvez, resolvidas. Tudo isso na companhia de um analista sensível que sabia identificar as necessidades de seus pacientes – um aspecto muito significativo, principalmente, quando a vida nos surpreende com ocasiões que ainda não somos capazes de assimilar psicicamente.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Quando se estabelece a capacidade de concernência, o indivíduo começa a se situar na posição de experimentar o complexo de Édipo, e de tolerar a ambivalência que é inerente ao estágio posterior em que a criança, se madura, está envolvida em relacionamentos triangulares entre pessoas humanas plenamente desenvolvidas. (Winnicott, 1958/1983, p. 28)

Laplanche e Pontalis (2001, p. 17), em seu “Vocabulário da Psicanálise”, definem “ambivalência” nos seguintes termos: “presença simultânea, na relação com um mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio”. É de nosso pleno conhecimento o quanto Winnicott se afastou de algumas ideias freudianas, mas, paradoxalmente, se aproximou e difundiu uma série delas. O psicanalista inglês era um autor da *natureza humana* – como ele próprio gostava de se intitular¹¹. Justamente por observar tal natureza, Winnicott presenciou o que descrevia em seus trabalhos. O contato direto com centenas de crianças e familiares permitiu ao nosso autor acompanhar a manifestação dos sentimentos ambivalentes, fundamentados essencialmente pelos opostos amor/ódio. Enquanto impera a dualidade, não há espaço para se criar uma visão abrangente de mundo, na mesma proporção em que o surgimento da alteridade também permanece comprometido. A incapacidade de lidar com a ambivalência pode ser um fator agravante no que tange à entrada no período edípico.

Ao estruturar o estágio da concernência, Winnicott fundamenta a construção de uma ética pessoal, que não é imposta de fora, nem simplesmente aprendida por meio de restrições e inculcações morais. O autor apresenta tal noção como emergindo naturalmente a partir da confiabilidade no ambiente, derivada da aparição do sentimento legítimo de culpa e, por conseguinte, da capacidade de levar o outro em consideração e ser responsável por seus próprios impulsos. Percebemos, portanto, que a ética,

11 Winnicott diferencia-se de Freud no sentido de apresentar uma teoria do desenvolvimento maturacional – inédita no campo da psicanálise, até então, pois Freud e Klein atribuíram maior importância às questões intrapsíquicas e não propuseram, em nenhum momento de sua obra, uma concepção de amadurecimento que compreendesse o indivíduo a partir de uma unidade psique-soma. Para tanto, ver Fulgencio (2018 e 2020).

em Winnicott, se constitui em um *contexto não-edípico*, não sendo um resultado da lei e da interdição, mas um produto do cuidado e da aptidão em permitir que a criança vivencie seus impulsos através de um ciclo benigno (destruição-reparação). Estamos falando de uma conquista que deverá ser integrada à personalidade por via da experiência pessoal.

O estágio da concernência aparece, neste sentido, como uma espécie de preparação ao Édipo. Durante este período, enquanto a criança está tentando lidar com sua agressividade contida na vida instintual, esses mesmos instintos estão sendo integrados às partes de seu corpo (psique e soma), fortalecendo a personalização. Sendo assim, para Winnicott, não é possível alguém ingressar no Édipo, caso não tenha se formado como uma “pessoa total” (integrada no seu espaço e tempo) – como pudemos observar no relato do atendimento de Piggie. É nesta fase em que o sujeito poderá vivenciar, de modo primário, sua ambivalência, assumindo responsabilidades e desenvolvendo seus fundamentos éticos de modo natural. Essas conquistas serão imprescindíveis para a construção do superego como uma instância reguladora de limites e direcionamentos.

O complexo de Édipo aparece como a pedra angular da obra freudiana, sendo responsável pela estruturação do sujeito; produto das identificações, das sublimações e da elaboração dos impulsos incestuosos. De maneira análoga, o estágio da concernência é um período essencial para a edificação da alteridade, da empatia e da socialização; frutos da culpa e da capacidade de reparação – aquisições indispensáveis à entrada edípica. Aqui, a psicanálise apresenta uma de suas maiores virtudes: ela nos ensina a lidar com as ideias de autores que, mesmo divergentes em múltiplos aspectos, oferecem um entendimento efetivo e lançam luz à complexidade da alma humana; desconstruindo incertezas ao despertar possibilidades de olhares e intervenções.

REFERÊNCIAS

- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (2019). O declínio do complexo de Édipo. In *Amor, sexualidade, feminilidade. Obras incompletas de Sigmund Freud; 7*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2017). Manuscrito de 1931[sem título]. In Manuscrito inédito de 1931: edição bilíngue. São Paulo: Blucher. (Trabalho original publicado em 1931).
- Fulgencio, L. (2018). *A bruxa metapsicologia e seus destinos*. São Paulo: Blucher.
- Fulgencio, L. (2020). *Psicanálise do ser: a teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional como uma psicologia de base fenomenológica*. São Paulo: EDUSP/Fapesp.
- Klein, M. (1996). Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê. In *Inveja e gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1952).
- Laplanche, J. & Pontalis, J. -B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Pellegrino, H. (2017). Pacto edípico e pacto social: da gramática do desejo à sem-vergonhice brasileira. In T, Rivera (org.). *Psicanálise*. Rio de Janeiro: FUNARTE. (Trabalho original publicado em 1983).
- Wikipedia. E Enciclopédia Livre. *Ethos*. Recuperado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos>.
- Winnicott, D. W. (1977). *The Piggie: relato do tratamento psicanalítico de uma menina*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1988). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves. (Trabalho original publicado em 1955).
- Winnicott, D. W. (1988). Preocupação materna primária. In *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: F. Alves. (Trabalho original publicado em 1956).

- Winnicott, D. W. (1983). Psicanálise do sentimento de culpa. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1958).
- Winnicott, D. W. (1994). Comentários sobre *On the concept of the Superego*. In Winnicott, C. & Shepherd, R. & Davis, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1983). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963a).
- Winnicott, D. W. (1983). Moral e educação. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963b).
- Winnicott, D. W. (1989). A criança no grupo familiar. In *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1966).
- Winnicott, D. W. (1994). O uso do objeto e o relacionamento através de identificações. In Winnicott, C. & Shepherd, R. & Davis, M. (Orgs.). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1968).
- Winnicott, D. W. (2020). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott. *Bebês e suas mães*. São Paulo: Ubu Editora. (Trabalho original publicado em 1966).

Recebido em 03/01/2021

Aceito em 21/05/2022